

30 de janeiro de 2013

Prezado Sr. Vieira,

Correndo o risco de ser assustadoramente tedioso, espero que me perdoe por escrever para você assim sem mais nem menos, mas depois que o Reino Unido foi tão fortemente afetado por enchentes no fim do ano passado, e como a cada mês temos um novo recorde ultrapassado, estou profundamente preocupado que, inexplicavelmente, esses eventos climáticos extremos ainda não estejam servindo como sinais de alerta para o enfrentamento das mudanças climáticas.

Recentemente recebemos relatórios do Banco Mundial, da IEA, da Organização Mundial de Meteorologia e da UNEP, todos reafirmando a urgência da questão e destacando que nossas ações não têm sido suficientes para manter o aquecimento global abaixo de dois graus – o limite no qual os impactos das mudanças climáticas são considerados “seguros”. Se podemos contar com alguma esperança de evitar os assim chamados pontos de virada, como o amplamente difundido derretimento da camada *permafrost* no Círculo Ártico ou o desaparecimento em larga escala da Amazônia, precisamos urgentemente tomar medidas mais rápidas e profundas para descarbonizar nossas sociedades.

Quando líderes seniores da indústria de seguros se reuniram há cinco anos a meu convite, e anuíram na criação dos Princípios *ClimateWise*, enxerguei uma oportunidade para que a indústria utilizasse sua expertise técnica em riscos para assinalar os custos dos riscos climáticos para a economia. Muito foi feito desde então e eu fui tocado pelo progresso que foi alcançado; todavia, eu me pergunto se ainda não há mais que a indústria de seguros possa fazer para tomar uma posição proativa no enfrentamento dos riscos climáticos. Parece-me que além de se engajar com convicção nas discussões nacionais e internacionais, o setor poderia, adotando um posicionamento dual em termos das suas próprias operações de subscrição e investimentos, liderar os avanços e demonstrar a diferença que pode ser feita ao se enfrentar o enorme desafio das mudanças climáticas.

Eu certamente reconheço a enormidade do desafio, pois quando os riscos se tornam muito grandes, você sabe melhor que eu, eles se tornam inaseguráveis e, conseqüentemente, menos gerenciáveis pela sociedade. Em alguns casos, as seguradoras podem encontrar novos mercados para compensar essas deficiências em potencial, mas em face da natureza sistêmica e profunda das mudanças climáticas, pode-se presumir que a capacidade desses novos mercados em breve se exaurirá. Isso atuará, certamente, como um incentivo para agir, a fim de reduzir as causas do risco subjacente, ao invés de meramente reduzir a exposição aos prejuízos de outro desastre relacionado ao clima?

Em larga medida, a chave para reduzir esses riscos, eu imaginaria, está em promover um acordo e implementar medidas que aumentem a resiliência, e eu devo cumprimenta-lo por tudo que você tem feito por meio do *ClimateWise* para estabelecer um exemplo tão encorajador nesse aspecto. Evitar o risco é, com certeza, sempre melhor que se adaptar ao risco (o que, no caso das mudanças climáticas, pode não ser possível) e estou certo de que, mais do que qualquer pessoa, você compreende que o setor possui um papel igualmente importante a desempenhar na mitigação exigida para evitar os riscos em primeiro lugar. Agir nesse sentido exige coragem e liderança, já que existem poucas respostas e há muita relutância em alterar modos tradicionais de pensar.

Como parte de um esforço geral para aumentar a resiliência econômica, eu fui muito encorajado pela evidência da expertise crescente das seguradoras em tecnologias de baixo carbono. Mas eu suspeito que muito ainda pode ser feito sistematicamente para incentivar a transição para soluções de baixo carbono. Talvez isso possa ser auxiliado se o setor adquirir uma visão verdadeiramente abrangente da série de alavancas à sua disposição, da precificação baseada em risco a estratégias de investimento, e por meio do engajamento com formuladores de políticas públicas, para garantir que um enfrentamento consistente e coerente seja adotado no desenvolvimento dessas políticas?

Você é, eu sei, aguçadamente consciente da responsabilidade que as seguradoras possuem como investidoras institucionais. Atualmente, a tradução da subscrição de riscos climáticos em uma estratégia de investimento das companhias não é automática; mas, é claro, sem que isso aconteça, nós nunca alcançaremos os investimentos em infraestrutura de baixo carbono que são tão desesperadamente necessários. As conseqüências disso são verdadeiramente assustadoras e com isso eu me pergunto se seria demais esperar que, por volta desse mesmo período no próximo ano, vejamos os membros do *ClimateWise* sendo capazes de expressar com clareza e em

números a percentagem de recursos que eles possuem e que podem ser identificados como de baixo carbono? Me parece, pelo menos, que essa abordagem seria um grande passo adiante e, talvez, considerando o aumento da volatilidade causada pelas mudanças climáticas, também serviria para reduzir o risco geral no portfólio e assim aumentar a lucratividade?

Estou satisfeito de ver que na Revisão de 5 anos, o ClimateWise foi reconhecido como um importante contribuinte para a governança global do clima. Isso é um reconhecimento bem-vindo do trabalho que você fez, mas temo que ainda há muito a ser feito se quisermos converter os mal passos tomados até hoje pela comunidade global, causadores de aumento na temperatura global, em ação para conter o aquecimento global em dois graus. Sua participação no ClimateWise e sua parceria com o Programa para Liderança em Sustentabilidade da Universidade de Cambridge, do qual eu sou Patrono, não poderia ter uma importância maior. Sou, como espero que você saiba, enormemente grato por você continuar a priorizar essas discussões e espero ansioso ouvir no futuro sobre como essa importante colaboração evolui.

Com os meus melhores desejos.

Atenciosamente,

Charles